

PROGRESSO DA RÚSSIA EM DONBASS SIGNIFICA QUE A UCRÂNIA PROVAVELMENTE NÃO VENCERÁ A GUERRA

Por Daniel Davis*



Tropas pró-Rússia disparam de um tanque durante combates no conflito Rússia-Ucrânia perto da siderúrgica Azovstal em Mariupol, no sul da Ucrânia, em 5 de maio de 2022 (Alexander Ermochenko/Reuters).

Mesmo que a Ucrânia possa vencer a guerra, o que é improvável, levaria anos e resultaria em uma perda de vidas tão grande que seria uma vitória de Pirro; o melhor é uma negociação para encerrar os combates e apressar a reconstrução.

AUcrânia pode realmente derrotar a Rússia? – Nos últimos dias, uma enxurrada de líderes seniores tanto na Ucrânia quanto em Washington emitiu alegações desafiadoras não apenas de resistir à agressão russa, mas de avançar em direção à vitória total. Embora tais aspirações sejam inteiramente compreensíveis, não é sensato definir políticas que busquem um resultado preferencial se não existir um caminho racional pelo qual a Ucrânia possa atingir esse objetivo. Atualmente, a maioria dos indicadores, fundamentos da guerra e linhas de tendência atuais do campo de batalha apoiam a perspectiva de uma derrota ucraniana.

Em um discurso no “Dia da Vitória” da Ucrânia, comemorando a derrota da Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial, o presidente Volodymyr Zelensky declarou categoricamente que, assim como a Ucrânia derrotou seu inimigo em 1945, “não temos dúvidas de que venceremos” a guerra contra Rússia. O ministro das Relações Exteriores de Zelensky deu um passo adiante, acrescentando que Kiev não estava apenas buscando vencer a Batalha de Donbass, mas definiu que “a vitória para nós nesta guerra será a libertação” de todos os territórios ucranianos.

Não faltaram vozes ocidentais apoiando essa ideia – e em um caso, escalando a guerra.

E isso não é tudo. Em um discurso ao parlamento ucraniano dias atrás, o primeiro-ministro britânico Boris Johnson disse que a guerra da Ucrânia com a Rússia era um simples caso de “bem contra o mal” e que “a Ucrânia vencerá; a Ucrânia será livre”. No sábado, o deputado Seth Moulton disse que os Estados Unidos não devem apenas ajudar a Ucrânia a se defender, mas declarou abertamente que os EUA estão “fundamentalmente em guerra” com a Rússia, por meio de procuração, e “é importante que vençamos”. Alguém poderia pensar que todas essas declarações cada vez mais otimistas foram baseadas em evidências tangíveis de que a Rússia está perdendo. Em vez disso, quase o oposto está acontecendo.

Em depoimento perante o Comitê de Serviços Armados do Senado na terça-feira, a diretora de Inteligência Nacional dos EUA, Avril Haines, disse que acredita que Putin “está se preparando para um conflito prolongado na Ucrânia” e ainda tem aspirações além da Batalha de Donbass. Haines disse acreditar que o líder russo “provavelmente” ordenará algum nível de mobilização nacional para apoiar tais objetivos. Evidências no terreno apoiam essa probabilidade e ajudam a explicar por que Putin provavelmente fará esse movimento.

Após o desastre bem narrado da rodada inicial de ataques de Putin no final de fevereiro e início de março, os militares russos tomaram uma série de medidas eficazes para reorientar seus esforços, corrigir deficiências táticas e operacionais e pressionar em direção a objetivos militares atingíveis. Ao longo do último mês, a Rússia traduziu essas mudanças em sucesso metódico, embora lento, no campo de batalha.

Em meados de abril, a Rússia capturou o centro de transporte crítico de Izyum, perto do ombro norte das linhas de Donbass. Alguns dias atrás, após uma batalha de quase dois meses, as tropas de Putin capturaram outra cidade importante no norte de Donbass, que controla vários entroncamentos essenciais em Popasnaya. As forças do Kremlin agora avançaram mais para Severodonetsk, colocando as tropas ucranianas em risco em Lysychansk, a sudoeste de Severodonetsk.

A Rússia parece estar usando táticas que imitam o que funcionou para eles em Mariupol: cercar uma cidade com tropas terrestres, cortar a capacidade das forças ucranianas de obter reforços (ou comida, água e combustível) e, em seguida, atacar implacavelmente as posições ucranianas com fogo de artilharia, foguetes e ataques aéreos, diminuindo progressivamente o anel ao redor da cidade.

Em certo momento, as tropas russas avançam com infantaria e blindados para atacar os defensores quando estão mais fracos, capturando a cidade. O padrão provou ser eficaz e atualmente está sendo reperpido em várias fortalezas ucranianas no Donbass. A estratégia russa no Donbass está ganhando destaque com a captura de cada grande cidade, e isso não é um bom presságio para Kiev.

Há uma formação de bolsões ao redor das tropas ucranianas no ombro norte do Donbass. A Rússia está tentando cercar as tropas da UAF (*Ukrainian Armed Forces*, Forças Armadas Ucranianas) neste bolsão saturando as principais fortalezas

ucranianas com bombardeio pesado, tentando descascar mais cidades do lado de fora do bolsão, forçando progressivamente os defensores da UAF mais a oeste – ou prendendo-os no bolsão e depois destruindo-os pelo fogo e depois por tropas terrestres.

Depois de tomar Izyum, Popasnaya e se mudar para Severodonetsk, a Rússia agora está investindo pesadamente em Lysychansk, Kramatorsk e Slavyansk, todas cidades de 100.000 habitantes ou mais. Existem dezenas de milhares das melhores e mais experientes tropas da Ucrânia na linha de frente no Donbass. Se a Rússia tomar com sucesso cidades suficientes lá, cortando as tropas da UAF, eles podem reprisar suas táticas sangrentas usadas para destruir Mariupol.

A Rússia procurará cercar os defensores no ombro norte do Donbass e, lentamente, privá-los de suprimentos enquanto os golpeia impiedosamente com armas pesadas. Se o ombro norte for tomado pela Rússia, o restante das posições da UAF nas partes central e sul do Donbass – já sob fogo russo implacável – pode se tornar insustentável.

Se Putin tem tropas, munição e tempo suficientes para completar a destruição das posições da UAF no Donbass sem mobilizar parte de suas forças de reserva é uma questão em aberto. O que está claro, no entanto, é que as atuais operações da Rússia estão lentamente estrangulando as tropas ucranianas no Donbass e que, apesar da retórica otimista de Kiev e das capitais ocidentais, a batalha tende a um sucesso tático russo, possivelmente dentro de dois meses.

Militarmente falando, há bem pouca esperança de que mesmo todo o apoio prometido de armas pesadas e munições do Ocidente possa ser entregue à frente, as tropas ucranianas adequadamente treinadas e o poder de fogo usado a tempo de mudar o curso.

Há sempre a possibilidade de que a Rússia perca força antes de completar o cerco, que a Ucrânia seja capaz de prolongar a batalha por mais de dois meses e que um impasse possa ser vencido por Kiev. Mas isso se enquadra mais na categoria de “esperança” e é uma base pobre para basear expectativas. Ao ignorar essas realidades do campo de batalha, o Ocidente está preparando o terreno para potencialmente agravar seus problemas.

Os líderes da Ucrânia e do Ocidente continuam fazendo declarações que levam seu público a acreditar que as coisas estão melhorando, que a guerra está tendendo a seu favor e que em breve as armas pesadas prometidas pelo Ocidente impedirão o avanço russo. Isso permanece, na melhor das hipóteses, uma perspectiva distante. Basear a política na expectativa desse resultado improvável (mas altamente preferido) em vez da possibilidade realista de que a Rússia possa tomar o Donbass é imprudente e perigoso. Considere as ramificações dessa falta de vontade de enfrentar verdades duras.

Ao continuar buscando uma vitória militar na Ucrânia, as tropas ucranianas continuarão lutando, nenhum acordo negociado será buscado de forma realista e, muito provavelmente, as tropas russas continuarão progredindo. Como resultado, mais civis e soldados ucranianos continuarão a ser mortos e feridos, mais cidades

serão destruídas e as crises econômicas e alimentares – tanto para a Ucrânia quanto para o mundo – irão piorar. O resultado mais provável não mudará (um acordo negociado, não uma vitória militar ucraniana), mas o custo para Kiev será muito, muito pior.

Para os Estados Unidos e o Ocidente, a cada dia que essa guerra prossegue, continua o risco de que, por erro de cálculo de alguém, algum acidente, ou apenas um ato tolo de um lado ou de outro, resulte em um confronto direto entre a Rússia e a OTAN, desencadeando o artigo 5º, situação que poderia arrastar os Estados Unidos para uma guerra com uma superpotência nuclear. Por mais altruísta que seja querer ajudar a Ucrânia a se defender da invasão russa, não há nada em jogo na Europa Oriental que valha a pena ser arrastado a uma potencial guerra nuclear com a Rússia; uma guerra à qual podemos não sobreviver.

Apostar que as tendências atuais do campo de batalha não se sustentam, esperar que a Ucrânia possa aguentar no Donbass, e acreditar que a UAF acabará por levar a Rússia de volta ao seu país, é um desserviço ao povo ucraniano. Mesmo que funcione dessa maneira – uma perspectiva improvável – levaria anos para acontecer e resultaria em uma perda de vidas tão impressionante ucranianas que seria uma vitória de Pirro. O melhor caminho é se engajar em negociações para fazer o que for preciso para acabar com os combates, acabar com a matança do povo ucraniano e apressar o dia em que a reconstrução possa começar. No entanto, continuar a basear as políticas no orgulho e na esperança quase certamente causará milhares de mortes evitáveis na Ucrânia.

Publicado no 19fortyfive.com.

***Daniel L. Davis** é tenente-coronel aposentado do Exército dos EUA, tendo sido enviado a zonas de combate quatro vezes. É autor de “The Eleventh Hour in 2020 America”.
